

IMPACTOS DO RACISMO ESTRUTURAL SOBRE A SAÚDE DE PESSOAS NEGRAS

IMPACTS OF STRUCTURAL RACISM IN BLACK PEOPLES' HEALTH

Emanuely Sousa Santiago¹
Simone Cristina Silva Simões²

RESUMO

O artigo objetivou analisar a influência do racismo estrutural sobre a saúde mental de pessoas negras. Para isso buscou na literatura recente trabalhos acerca da relação entre racismo e saúde mental, analisando criticamente o tema. A metodologia foi a de pesquisa bibliográfica, com base em 11 periódicos de Psicologia disponíveis na plataforma Scielo, de texto produzidos entre 2017 e 2022, seguindo critérios de inclusão e exclusão, obtendo 18 produções selecionadas ao final. A análise seguiu as diretrizes da Análise de Conteúdo de Bardin, chegando às categorias: estigma, violência, expressividade, necropolítica e formação em Psicologia. Concluiu-se que a saúde mental é diretamente afetada pelo racismo em múltiplas dimensões, refletindo no processo de construção da sua subjetividade e identidade. Além disso, notou-se uma escassez de materiais que trabalhem diretamente com o tema, levando a reflexão sobre possíveis ações da psicologia enquanto ciência e profissão.

Palavras-chave: Psicologia; Saúde mental; Racismo.

ABSTRACT

The article aimed to analyze the influence of structural racism on the mental health of Black individuals. To achieve this, it reviewed recent literature on the relationship between racism and mental health, critically analyzing the subject. The methodology employed was a bibliographic research, based on 11 psychology journals available on the Scielo platform, comprising texts produced between 2017 and 2022. Inclusion and exclusion criteria were applied, resulting in the selection of 18 productions. The analysis followed Bardin's Content Analysis guidelines, leading to the identification of categories such as stigma, violence, expressiveness, necropolitics, and psychology education. It was concluded that mental health is directly affected by racism in multiple dimensions, influencing the construction of individual subjectivity and identity. Additionally, a scarcity of materials directly addressing the topic was noted, prompting reflection on potential actions within the field of psychology as both a science and a profession.

Keywords: Mental health; Psychology; Racism.

¹ Discente curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione. Aluna do Procient. E-mail: emanuely.s.santiago@catolicaorione.edu.br.

² Professora do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione. Orientadora Procient. E-mail: simonesimoes@catolicaorione.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a Psicologia no Brasil, enquanto profissão, tem sido atribuída como serviço prestado a grupos de maior poder aquisitivo e intelectual. Isto pelo afastamento, inicialmente, de debates interseccionais como classe, gênero e raça, e suas relações com o sofrimento ou bem-estar dos indivíduos.

Cabe a prática psicológica estar alinhada com as mudanças sociopolíticas a fim de ter meios para criar intervenções cuja ética reconheça a efetividade direitos, desvinculando-se de conhecimentos únicos e estáticos, não aplicáveis às demandas da realidade concreta.

Nesse sentido o presente trabalho ocupou-se em refletir sobre como as pautas raciais vem sendo pensadas nesse campo, a partir de produções acadêmicas que abordassem como o racismo atinge a saúde mental de pessoas negras.

Para exploração da temática foi utilizada como metodologia a revisão integrativa de literatura, explorando revistas de Psicologia encontradas na base de dados *Scielo* entre os anos de 2017 e 2022. Como resultado foram obtidos 18 artigos, submetidos a análise de conteúdo.

Os dados apresentados ampliaram uma análise crítica do tema, indicando os efeitos do racismo, e sua lógica estrutural, como fatores significativos para o adoecimento mental de pessoas negras, devido os impactos emocionais e psicológicos dos mesmos sobre suas construções identitárias e subjetivas.

Com isso, foi possível também colaborar para a reflexão sobre a atuação de psicólogas e psicólogos frente às demandas específicas da negritude e seus modos de ação a partir das diretrizes éticas que direcionem seu trabalho.

2 A COMPREENSÃO DO RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRO

A história do racismo no Brasil orienta-se pela ideia de hierarquização das raças, promovida pela Europa, na modernidade. O conceito de raça sob essa ótica remonta a meados do século XVI, momento da expansão comercial e marítima de países como Espanha e Portugal, consolidando um terreno para concepção futura de multiplicidade dos sujeitos (Almeida, 2019).

A expansão comercial da burguesia e avanço das ideias renascentistas transformam o paradigma do homem de elemento comunitário para uma

representação filosófica racional e universal, pautadas no ideário europeu e em sua compreensão de cultura e comportamento, sendo sociedades aquém deste parâmetro menos evoluídas (Almeida, 2019).

O Iluminismo, advento dos séculos XVII e XVIII, baliza as ideias burguesas de enfrentamento ao poder absoluto da nobreza e do clero sobre a política, defendendo o direito comum a centralidade do mundo sobre o homem e a razão, instigando valores como liberdade, fraternidade e igualdade. Há a reorganização gradual e significativa de uma sociedade feudal para a lógica capitalista, de livre mercado e direitos universais, que levaria a civilização para lugares ditos primitivos, justificando a exploração massiva e violenta de territórios além-mar, cuja universalidade não cabia. Esse processo é nomeado como colonização (Almeida, 2019).

As ideias positivistas, surgidas no século XIX, transformaram o Homem em objeto científico assim como suas diferenças, justificando a discriminação racial. Havia a tese de que condições biológicas e ambientais justificariam diferenças entre raças, sendo a pele não branca e o clima tropical, por exemplo, fatores motivadores de comportamentos tidos como inadequados, como violência, imoralidade e baixa inteligência e propensão ao trabalho braçal, ideias essas propagadas e prestigiadas por pensadores brasileiros, como Nina Rodrigues e Silvio Romero (Almeida, 2019).

A raça, por sua base histórica, teria então duas características fundamentais complementares: a biológica, que a atribui a um traço físico; e como característica étnico-cultural, associada ao território, religião, língua e costumes. Mesmo com a refutação dessas premissas comportamentais ao longo do século XX, a ideia de raça assume uma característica essencialmente política que a utiliza como fator de naturalização de preconceitos e desigualdades (Almeida, 2019).

2.1 Racismo e sociedade brasileira

Acerca do conceito, Almeida (2019, p. 22) apresenta a seguinte conceitualização:

[...]o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Ele tem um caráter sistêmico, constituído por um processo o qual condições de privilégio e subalternização são distribuídos pelo critério racial alimentada pelos manejos das relações políticas, econômicas e jurídicas (Almeida, 2019).

Em sua lógica estrutural torna-se sustentáculo da lógica capitalista a partir das instituições, que reproduzem discursos hegemônicos, sendo também entendido como processo político e organizativo que cria e sustenta meios de incorporação na sociedade, produzindo narrativas reforçadoras da ideia de unidade social e ultrapassa uma perspectiva do racismo como comportamento individual (Almeida, 2019).

Alguns de seus mecanismos de afirmação são o isolamento social, piadas e silenciamento. Em sua forma mais explícita está a *necropolítica*, ou política de morte, que justifica a eliminação de determinados corpos, como parte do sistema de manutenção do poder e perpetuação das desigualdades (Mbembe, 2018; Almeida, 2019).

Esse neologismo que dialoga com o conceito de *biopoder* de Michel Foucault, sociólogo do século XX, e significa a hierarquização dos comportamentos, acessos e experiências de vida baseadas, meramente por diferenças biológicas. Por essa razão, o racismo é compreendido como regulador da morte, justificando e viabilizando práticas assassinas do Estado (Mbembe, 2018).

A escravidão é um exemplo do biopoder, dada a desumanização e coisificação do negro, o exercício da soberania europeia, o controle da vida e a morte e a “[...] capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer [...]” (Mbembe, 2018, p.5). Atualmente se presentifica na “guerra” às drogas, que consiste no combate ao narcotráfico visando segurança pública e, ao criminalizar a venda e o uso de drogas, associa-se certos grupos a criminalidade, como jovens negros (Santana, 2017).

Os casos de violentas agressões a pessoas negras de crianças a idosos também ilustram a necropolítica. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017, p. 49) apontam que “Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídio foram indivíduos negros. [...] para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos.”

Tais processos fazem parte de um pacto estabelecido historicamente pela branquitude europeia e seus descendentes brasileiros, amenizando as violências como meros eventos ocasionais e as posições de desigualdades como elemento meritocrático, constituindo um pacto coletivo, psicológico e social (Bento, 2022).

2.2 Psicologia, racismo e saúde mental

Saúde mental é o estado no qual um indivíduo está apto a lidar com situações de estresse, ter produtividade, usar suas habilidades de maneira ativa e ter sua contribuição para com sua comunidade. Vai além da patologia e concerne com o bem-estar biopsicossocial, considerando contextos de vida e sua subjetividade. O racismo também se manifesta nesse espaço, impedindo, muitas vezes, que pessoas negras acessem direitos básicos, incluindo serviços de assistência à saúde psicológica (Organização Mundial da Saúde, 2022).

Já o sofrimento psíquico se caracteriza como uma experiência subjetiva de angústia, dor e aflição emocional, de curta ou longa duração, afetando a qualidade de vida do indivíduo, sendo causado por fatores internos ou externos. Está relacionado tanto a transtornos mentais quanto a situações estressantes, como a violência advinda do racismo (Morrison, 2010).

O sofrimento psíquico que acomete pessoas negras é atravessado pela desigualdade racial, advinda da falta de acessos a bens, serviços e mercado de trabalho. Também as ofensas, agressões, xingamentos etc. De acordo com o *Relatório de Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016* do Ministério de Saúde, o grupo mais afetado pelo suicídio são de jovens negros em decorrência do racismo estrutural e da discriminação racial, com aumento de 53,3% em 2012 para 55,4% em 2016 (Ministério da Saúde, 2018).

Ainda nesse campo há os estressores, condições que afetam a saúde mental do indivíduo, como coisas ou situações que possam causar, precipitar ou piorar problemas psicológicos. O racismo, enquanto problema estrutural, confere um campo de estressores constantes para a população negra em vista do ambiente social ser um campo de múltiplos e constantes estressores, que reforçam uma contínua sensação de ameaça e necessidade de autoproteção (Morrison, 2010).

As formas de violência mudaram com o passar do tempo. Almeida (2019) discorre que o racismo na esfera das instituições trabalha com o poder como centro das relações raciais, usufruído pelos grupos dominantes e utilizado para impor regras, padrões e critérios discriminatórios.

Tal contextualização sobre racismo institucional endossa o processo histórico como influente sobre o sofrimento psíquico da negritude, visto que, a imposição de inferioridade para o negro, sobretudo no Brasil, tem relação direta com a sua tratativa

no decorrer da história. Além disso, há a dificuldade de reconhecimento do lugar de opressor pela branquitude, o qual tenta impor e negar toda a violência sofrida, sob o jugo de uma pretensa igualdade racial, gerando mais sofrimento (Almeida, 2019; Bento, 2022).

Assim, entende-se que o racismo está presente na subjetividade de todas as pessoas, tanto brancas quanto negras, na relação de opressões e privilégios, salientando o “defeito de cor”, termo utilizado como caracterização de defeitos causados pela cor negra, como a falta de inteligência, pois tem-se a ideia de que se reduzirem tais defeitos (cor de pele), a existência passaria a doer menos (Souza, 2021).

As teses de embranquecimento, apesar da ideia ter sido falsamente superada, ainda se encontram no intrínseco da subjetividade de pessoas negras, afetando seu processo de autoconhecimento e construção da autoimagem, negando sua cor e sua cultura. Desse modo, confunde-se a subjetividade do indivíduo, pela internalização de que branco é bom e preto é ruim, criando, inconscientemente, ferramentas de embranquecimento, que podem causar grande sofrimento na busca pela adequação ao padrão, como, alisamento do cabelo, rinoplastia, relações majoritariamente com pessoas brancas e mudança na própria personalidade para ser aceito no grupo de pessoas brancas (Fanon, 2008; Souza, 2021).

A ideia de que ser amado por pessoas brancas faz com que o negro se ache digno e mais humano, usando das máscaras brancas, tentando apagar sua cor, em processo de negação, no entendimento de que será menos doloroso modificar-se para tentar se adequar a “cultura dominante”. Essa negação explica-se, muitas vezes, pelas marcas do racismo no corpo e subjetividade do indivíduo negro, pelo contágio do racismo no processo de construção da autoimagem. Então, para ser aceito como humano depara-se com a barreira da cor, logo, usar a máscara branca pode ser um método de sobrevivência (Fanon, 2008).

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou a abordagem qualitativa a partir de revisão bibliográfica. Conforme Minayo (2009), ela compreende as estruturas e instituições como manifestações da ação humana objetivada, caracterizada pela compreensão e

interpretação dos fenômenos estudados, direcionada para a análise das vivências, experiências e estruturas sociais. Tais aspectos se mostram cruciais para debates raciais e saúde mental, tendo em vista seu âmbito estrutural e social.

Inicialmente, procedeu-se com a coleta de dados, pela identificação de revistas de Psicologia disponíveis na plataforma Scielo (Scientific Electronic Library Online, *online*), uma biblioteca eletrônica multidisciplinar que oferece acesso às produções científicas.

No total foram identificadas 11 revistas, das quais sete foram utilizadas: *Psicologia & Sociedade*, *Psicologia: Ciência e Profissão*, *Fractal: Revista de Psicologia*, *Psicologia em Estudo*, *Psicologia USP*, *Saúde em Debate* e *Revista Katálysis*. As não demais foram descartadas pela ausência de artigos sobre o tema.

A seleção de artigos utilizou critérios específicos de filtragem e inclusão, a seguir: artigos de periódicos de Psicologia, publicados entre os anos de 2017 e 2022, redigidos em língua portuguesa e com origem no Brasil. Os filtros de busca empregados foram os descritores: *racismo* e *psicologia* com propósito de englobar uma ampla gama de resultados permitindo uma análise abrangente e aprofundada sobre a relação entre racismo e saúde mental.

Em seguida, para determinar a relevância dos materiais em relação ao tema do presente estudo, os 32 artigos encontrados passaram por leitura de seus respectivos resumos, realizando processo de admissão e exclusão. Os critérios de seleção basearam-se na identificação dos artigos que estivessem em conformidade com o tema do presente trabalho.

Ao todo foram selecionados 18 artigos submetidos a uma análise mais aprofundada, envolvendo a leitura completa e o fichamento. A análise dos resultados foi elaborada com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), com etapas de pré-análise dos materiais e a criação de cinco (5) categorias de análise e a interpretação dos conteúdos: estigma, violência, formação em Psicologia, expressividade e necropolítica.

Em cada categoria, os artigos são apresentados, trazendo a principal ideia, objetivo e metodologia e, em seguida, conectando seus achados com impactos na saúde mental abordados na literatura.

4 O RACISMO SOBRE O OLHAR DA PSICOLOGIA

Acerca da Categoria 1: Estigma, o quadro a seguir reúne suas principais informações:

Quadro 1 - Categoria Estigma

CATEGORIA ESTIGMA			
Título	Autor	Periódico	Ideia geral
O cheiro do racismo na cultura político-afetiva higienista brasileira: o saneamento do corpo-dejeto.	Victor de Jesus	Psicologia & Sociedade	Estereotipo da higiene do negro
Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar	Ana Paula Musatti-Braga; Miriam Debieux Rosa	Psicologia em estudo	Experiência de ser mães solo e como são vistas no mundo.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras (2023).

Goffman (2004) conceitua estigma como uma característica depreciativa que torna o indivíduo diferente do que é padronizado na sociedade. Dentre os tipos de estigmas, apresenta-se o de raça, no qual o indivíduo é depreciado pela sua cor.

Aqui foram selecionadas duas produções, sendo a primeira intitulada: *O cheiro do racismo na cultura político-afetiva higienista brasileira: o saneamento do corpo-dejeto*, publicada no periódico *Psicologia & Sociedade*. Com o uso da pesquisa qualitativa Jesus (2022) busca elucidar os estereótipos voltados para a higiene do negro produzindo a discussão sobre como ideias racistas afetam na construção da identidade e subjetividade do indivíduo.

No decorrer do texto, o autor disserta sobre o estereótipo de negro fedido, sujo e a atribuição de odor ruim a ele como resultado de uma desigualdade simbólica, não estando ligada a coisas materiais, mas sim a uma característica “inerente” ao negro, procurando fazer com que esses “[...] grupos estigmatizados os internalizem, permaneçam nessa condição, aceitando seu lugar sociopolítico subalternizado na dominação da vida cotidiana.” (Jesus, 2022, p. 7). Com isso, produz-se um sofrimento e adoecimento psíquico relacionado à internalização do preconceito e da rejeição, influenciando na construção da autoimagem.

O segundo artigo é: *Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar* de Braga e Rosa (2018), publicado na revista *Psicologia em Estudo*. Nele, a partir de rodas de conversas e entrevistas com alunos e mães de alunos de uma Escola Municipal de São Paulo, buscou-se entender a configuração familiar dessas pessoas.

As autoras notaram uma desvalorização das mães, com uma ideia constante de servidão e permissividade sobre seus corpos, sofrendo a interseccionalidade de opressão: racismo e machismo. Diante dessa situação, a saúde mental é deteriorada ao lidar com estigma social e grande carga de cobrança, além de ter uma visão deteriorada de si em virtude da violência que sofrem. Há, também, uma pressão e cobrança maiores nessas mulheres em relação a outras, que tiram suas possibilidades de ter anseios ou estarem presentes em outros contextos fora da maternidade.

O quadro a seguir descreve os resultados da Categoria 2: Violência

Quadro 2 - Categoria 2: Violência

CATEGORIA VIOLÊNCIA			
Título	Autor	Periódico	Ideia geral
Banzeirar: fazendo ribeirinhas certas práticas ditas de cuidado.	Áurea Alves Cardoso; Cecília Maria Bouças Coimbra	Fractal	Incorporação de epistemologias indígenas, negras e ribeirinhas na psicologia e desafios às práticas repressivas.
Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro	Fábio Henrique Alves da Silva; Paula Ângela de Figueiredo e Paula	Psicologia Ciência e Profissão	Debate sobre Psicologia do Esporte e sua oferta de suporte para jogadores negros

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras (2023)

A violência, conforme o dicionário Houaiss (2009), é o ato de empregar força física ou intimidação moral, coação e opressão sobre algo ou alguém. Em acordo, a Organização Mundial da Saúde (2015, p. 2) a caracteriza como:

uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Isso posto, o primeiro artigo dessa categoria foi divulgado no ano de 2019 na revista *Fractal* e se chama *Banzeirar: fazendo ribeirinhas certas práticas ditas de cuidado*, no qual, a partir de relatos de moradores da região, Cardoso e Coimbra (2019) trabalham a realidade de sobreviventes da Guerrilha do Araguaia, destacando ser imprescindível que haja incorporação de epistemologias negras, indígenas e ribeirinhas na psicologia, de forma a contestar práticas violentas.

De acordo com o trabalho, a região norte sofre muitos preconceitos, sendo alvo de omissões e deslegitimação de seus povos, saberes e conhecimento, ou seja, do epistemicídio. Nisso, as autoras afirmam que a dominação pode acontecer por meio da aniquilação da objetividade e subjetividade do indivíduo ao matar saberes e conhecimentos singulares, visando o controle e dominação (Cardoso; Coimbra, 2019).

A segunda produção é intitulada: *Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro* de Paula e Silva (2020), publicada no periódico *Psicologia: Ciência e Profissão*. Feita a partir de pesquisa bibliográfica, procurou analisar como o racismo presente no futebol brasileiro afeta a subjetividade do jogador negro e o trabalho da Psicologia nesta demanda.

A pesquisa ainda aborda a concepção e estruturação do futebol brasileiro, destacando como o racismo foi e ainda é um elemento presente. Isso é elucidado pelos inúmeros casos de racismo no futebol, tanto em âmbito nacional quanto internacional, manifestados por meio de palavras, gestos, imitações e até agressões físicas (Paula; Silva, 2020).

No mundo do futebol, nenhum jogador está isento a crítica e a cobrança, porém, ao se tratar de um indivíduo negro, essas questões são mais repressivas, de modo que sofrerão violência não só por suas habilidades futebolísticas, mas por sua existência. A existência do racismo no futebol pode ser percebida também pela escassez de indivíduos negros em posições de liderança e isso, por sua vez, pode contribuir para o silenciamento das vozes negras no esporte, devido ao receio de jogadoras e jogadores de que suas carreiras sejam prejudicadas, uma vez que tem acordos com o clube e com patrocinadores.

Desse modo, tem-se que a subjetividade do indivíduo é afetada pela contínua reprodução do racismo e violências, e as formas como elas influenciam seu processo de identificação como corpo negro. Nessa perspectiva, a negação surge como um dos

recursos utilizados como forma de enfrentamento ao racismo no meio do futebol e esta é perceptível, por exemplo, na recusa em reconhecer atos racistas.

A seguir, apresenta-se a Categoria 3 – Expressividade

Quadro 3 - Categoria Expressividade

Título	Autor	Periódico	Ideia geral
Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar.	Cláudia Lanyelle Revorêdo de Amorim; Renata Lira dos Santos Aléssio; Lassana Danfá	Psicologia & Sociedade	Reflexão de como a transição capilar afeta o processo de construção de identidade de mulheres negras.
O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social?	Maíne Alves Prates; Neuza Maria de Fátima Guareschi; Carolina dos Reis	Psicologia & Sociedade	Reaproximação da cultura africana por meio da literatura.
Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista	Jaquelina Maria Imbrizi; Eduardo de Carvalho Martins; Marcela Garrido Reghin; Danielle Kepe de Souza Pinto; Daniel Pérciles Arruda	Fractal	Arte como forma de resistência

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras (2023).

Expressividade é conceitualizada como característica de quem exprime ideias, emoções, valores estéticos ou a si mesmo de forma significativa. Foram inseridos três (3) artigos nesta categoria.

O primeiro intitula-se *Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar*, de Alessio, Amorim e Danfá (2021). O trabalho foi publicado na revista *Psicologia & Sociedade*, a fim de investigar como ocorria o processo de construção de identidade em mulheres que estavam no período de transição capilar, a partir de entrevistas com 12 mulheres negras entre 18 e 34 anos.

A transição capilar faz parte do processo de construção da identidade e subjetividade da pessoa negra, de modo a interferir no autoconhecimento e na autoestima. O cabelo caracteriza o sujeito e é uma forma de se reconhecer e se mostrar no mundo, expressando sua identidade e valores, que foi a ideia da presente categoria. Contudo, a padronização do que é belo, atraente e socialmente aceito é idealmente branco e essa ideia é internalizada por mulheres negras.

O racismo pode tornar a aceitação de si ainda mais difícil e demorada, não somente pela estética, mas, também, pela internalização do mesmo e o sofrimento psíquico ocasionado pelo momento da transição capilar pode atribuir-se por seus efeitos sobre a autoestima, interferindo diretamente em como ela se relaciona consigo, com seu cabelo e com o outro.

O segundo artigo é *O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social?* de Prates, Guareschi e dos Reis (2021), também publicado na *Psicologia & Sociedade*. O trabalho teve como finalidade compreender as poesias de jovens negros, de modo a saber se a temática racial e poesias poderiam ser uma reaproximação com a cultura africana.

O terceiro artigo: *Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista*, de Imbrizi, Martins, Reghin, Pinto e Arruda (2019), publicado pela revista *Fractal*, apresentou um projeto de extensão chamado *Escuta Clínico-Política de Sujeitos em Situações Sociais Críticas*, cujo papel foi da escuta de mães que perderam filhos para violência do Estado, e oferecimento de programas para jovens em vulnerabilidade, a partir de diferentes práticas, como rodas de conversas.

Os dois últimos artigos tratam a arte como um ato político, um meio de denúncia de toda violência e opressão que um sujeito sofre, por tornar-se uma forma de atenuação da dor e validação de mulheres e jovens negros. A expressão livre dos sentimentos e pensamentos dá para esses jovens, que são frequentemente silenciados, a sensação de segurança para se expor e ter contato com experiências semelhantes, podendo ser pensado como lugar de resistência e busca por sua subjetividade.

Para a categoria 4, apresenta-se a seguir o quadro reunindo seus principais elementos

Quadro 4 - Categoria Necropolítica

Título	Autor	Periódico	Ideia geral
Máscara e homem negro: entre o contágio e o racismo em um regime necropolítico	Lucas Gabriel de Matos Santos; Rosa Pedro	Psicologia e Sociedade	Discussão sobre como período da pandemia potencializou a violência sofrida por homens negros

Dispositivo de Segurança e Racionalidade Necrobiopolítica: Narrativas de Jovens Negros de Fortaleza	Aldemar Ferreira da Costa; Dagualberto Barboza da Silva; João Paulo Pereira Barros; Luís Fernando de Souza Benicio	Psicologia: ciência e profissão	Formas de controle dos dispositivos de segurança inseridos em periferias sobre corpos racializados.
Necropolítica e vidas não passíveis de luto: a (re)produção midiática do inimigo	Maria da Conceição Gomes da Silva, Stephanie Caroline Ferreira de Lima, Aluísio Ferreira de Lima, João Paulo Pereira Barros	Psicologia em estudo	A mídia reforça ideias hegemônicas e engrandece a necropolítica.
Racismo entre psicologia social e criminologia crítica: encontros e perspectivas decoloniais	Felipe de Araujo Chersoni; Maria Eduarda Delfino das Chagas; Veyzon Campos Muniz	Revista Katálysis	Análise do papel da psicologia na higiene moral e no elitismo social e a conexão entre criminologia e colonialismo.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras (2023).

O primeiro artigo da categoria: *Máscara e homem negro: entre o contágio e o racismo em um regime necropolítico* de Santos e Pedro (2020) foi publicado no periódico *Psicologia & Sociedade*, produzido por meio de metodologia bibliográfica e com propósito de explorar a relação entre o uso de máscaras de proteção e os corpos negros.

A necropolítica vigente criou formas de atuação. As autorias do texto defendem que durante a pandemia do covid-19, as máscaras de proteção, utilizadas como mecanismo de proteção individual tornaram-se uma ferramenta para perpetuar o controle sobre corpos, com o seu uso sendo associado a morte de homens negros (Mbembe, 2018; Santos; Pedro, 2020).

Ao longo do texto nota-se que o uso das máscaras em um momento de emergência sanitária tem o propósito de produzir a sensação de segurança e autocuidado, entretanto, no homem negro, “produz como efeito a reatualização do imaginário social constituído historicamente” (Pedro; Santos, 2020, p. 11). Ou seja, a máscara manifesta o sentimento de constante ameaça, silenciamento e medo da morte.

O segundo artigo *Dispositivo de Segurança e Racionalidade Necrobiopolítica: Narrativas de Jovens Negros de Fortaleza*, de Barros, Benicio, da Costa e da Silva, (2020) do periódico *Psicologia: Ciência e Profissão* consistindo em entrevistas semiestruturadas feitas com 16 jovens negros da periferia com objetivo de problematizar a implantação das Células de Proteção Comunitária nas periferias de Fortaleza.

As células de Proteção Comunitária são torres blindadas com visão em 360° e supervisionam o movimento das ruas, funcionando, ilusoriamente, como um mecanismo de segurança. No entanto, os entrevistados relatam que esses dispositivos são empregados para controlar corpos tidos como “perigosos”, ou seja, corpos negros.

Em ambos os artigos se vê o uso de ferramentas protetivas como recursos para controle e manutenção da sensação de insegurança de homens negros, que acabam por ser os maiores alvos perseguição. Algo feito por uma dita segurança, acaba por se tornar mais um dispositivo da necropolítica.

O terceiro artigo intitulado *Necropolítica e vidas não passíveis de luto: a (re)produção midiática do inimigo*, de Barros, de Lima, de Lima e Silva (2022), publicado na revista *Psicologia em Estudo*, foi um estudo de caso que analisou informações falsas relacionadas ao caso de assassinato do jovem Marcos Vinícius da Silva, procurando debater a forma que as redes sociais potencializam e incitam a necropolítica.

O caso de Marcos Vinícius foi um dos exemplos nos quais informações foram manipuladas, como a montagem de fotos buscando associá-lo a crimes e divulgação de comentários questionando a veracidade do ocorrido, tentando invalidar o sofrimento dos moradores da periferia, ou seja, as mídias sociais são constantemente utilizadas para fomentar a concepção da necropolítica, endossando as ações das autoridades e figuras de poder.

O último artigo da categoria *Racismo entre psicologia social e criminologia crítica: encontros e perspectivas decoloniais* publicado por Chersoni, das Chagas e Muniz (2022), da *Revista Katálysis*, é um estudo de caso sobre o massacre de Jacarezinho, que procurou interseccionar a Psicologia Social e a Criminologia Crítica.

O massacre do Jacarezinho explicita o abuso de poder por parte das forças policiais, juntamente com as violações de direitos humanos, como o uso excessivo da

força, a discriminação racial e étnica, a detenção arbitrária e outras práticas que violam os direitos fundamentais das pessoas, revelando abuso de poder e falta de transparência nas investigações (Chersoni; Das Chagas; Muniz, 2022).

Em suma, em todos os artigos dentro desta categoria notou-se as múltiplas faces do racismo e da necropolítica, que estão sempre formulando novos meios de perpetuação. Essas questões ressaltam as injustiças sistêmicas, desigualdade e práticas que reforçam a impunidade, a violência e a discriminação.

As principais informações a respeito da categoria 5, formação em psicologia encontra-se no quadro a seguir:

Quadro 5 - Categoria 5 - Formação em Psicologia

Título	Autor	Periódico	Ideia geral
Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos	Marizete Gouveia Nascimento; Valeska M. Loyola Zanello	Psicologia: Ciência e Profissão	Análise crítica sobre obras existentes que abordam racismo e saúde mental.
Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica	Maiara de Souza Benedito; Maria Inês Assumpção Fernandes	Psicologia: Ciência e Profissão	Falta de preparo da Psicologia para lidar com demandas de pessoas negras.
Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador-Bahia.	Kaike Costa Oliveira de Jesus; Hellen Maciel Santana; Marilda Castelar	Fractal	A falta de atualização/capacitação de profissionais com pessoas negras.
Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta	Lucas Motta Veiga	Fractal	Ideia de que Psicologia é branca, não tendo lugar para debate sobre assuntos negros, sendo preciso reformulação.
Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras.	Marizete Gouveia; Valeska Zanello	Psicologia em estudo	A falta de conhecimento das psicoterapeutas (brancas e negras) em relação às questões raciais.
A Psicologia da Universidade de São	Lia Vainer Schucman; Sílvia da Silveira	Psicologia USP	Reflexão sobre necessidade de

Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes.	Nunes; Eliane Silvia Costa		pesquisadores da área se indagarem sobre formular e sistematizar teorias e técnicas que contribuam com a luta antirracista.
O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão.	Marcos Vinicius Marques Ignácio; Ruben Araujo de Mattos	Saúde em debate	Falta de debate racial durante a Reforma Psiquiátrica.

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras (2023)

Nesta categoria estão inseridos 7 artigos acadêmicos. O primeiro intitula-se *Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos* de Nascimento e Zanello, 2018, do periódico *Psicologia: Ciência e Profissão*. Caracteriza-se como uma produção bibliográfica que analisou criticamente obras existentes, entre 1999 e 2014, sobre o impacto do racismo na saúde mental de negros no Brasil e investigou contribuições da psicologia sobre o tema.

O segundo artigo “*Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica*” por Benedito e Fernandes, de 2020, também está na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, e examinou, por meio de entrevistas abertas, a atuação da Psicologia frente ao racismo e quais são as intervenções utilizadas quando se deparam com questões raciais.

Na área da saúde, especialmente na psicologia, entende-se o ser humano como um sujeito biopsicossocial, ou seja, há fatores biológicos, psicológicos e sociais que interagem, de modo a afetar o mundo e ser afetado por ele. Com isso, é dever do psicólogo levar tais aspectos em consideração, já que são atuantes diretos na saúde mental.

Contudo, ambos os artigos demonstraram que a discussão sobre o tema é muito escassa, entendendo que no currículo de psicologia há a predominância de ideias e teorias eurocentradas, priorizando estudos de homens brancos e ignorando epistemologias negras, que influenciam na atuação profissional, e profissionais da área não têm conhecimento ou domínio de demandas raciais e suas relações, ignorando um determinante social da saúde mental e estando em posição de

acomodação, não buscando se mobilizar para produzir ou potencializar a discussão sobre o racismo.

O terceiro artigo “Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador - Bahia” de Castelar, de Jesus e Santana (2020), da revista Fractal, foram feitas 07 entrevistas semiestruturadas com psicólogos (as), com o intuito de reconhecer a presença de ações no enfrentamento ao racismo institucional.

O quarto artigo “Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta” de Veiga (2019), também da Fractal, objetivou demonstrar a fragilidade da formação em Psicologia e como a saúde mental e subjetividade negras são afetadas pelo racismo, por meio da conexão entre trabalhos de autores negros e a experiência clínica do autor.

Nisso, verificou-se que profissionais psicólogos não têm compreensão sobre as formas como o racismo se apresenta, tendo total desconhecimento sobre ações que podem ser utilizadas para combater o racismo. Com isso, percebe-se a inexistência do debate sobre questões raciais no processo acadêmico, não tendo, assim, formação e capacitação dos profissionais em sua formação.

O quinto artigo nomeado “Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras” de Gouveia e Zanello (2019), encontrado no periódico Psicologia em Estudo, foi produzido com a intenção de ouvir, mediante entrevistas com 07 mulheres, como mulheres negras se sentiram na terapia com profissionais brancos (as) e como suas demandas eram trabalhadas.

Neste artigo em questão, foi relatado às autoras o descontentamento das participantes, afirmando que tanto profissionais brancos quanto negros, tinham dificuldade em manejar demandas relacionadas a questões raciais. Assim, pacientes preferiram não falar sobre temas associados, que, muitas vezes, eram ignorados ou universalizados, fazendo com que o processo psicoterapêutico ficasse estagnado.

Desse modo, a transformação, nessa perspectiva, seria a desalienação de profissionais brancos de forma a letra-los racialmente e para profissionais negros seria trabalhar suas próprias questões raciais.

O Sexto artigo “A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes” por Schucmana, Nunes e Costa, de 2017, disposto na revista Psicologia USP, analisou teses e dissertações acerca da temática racial,

presentes no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo entre os anos de 1970 e 2012, procurando criar um material que divulgue essas produções.

Por fim, o sétimo e último artigo incluso nesta categoria é intitulado “O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão” de Ignácio e de Mattos (2019), da revista Saúde em Debate, foi produzido por entrevistas, revisão bibliográfica, análise de atas e de documentos relacionados com o grupo, procurando analisar relação do racismo com saúde mental.

Apesar disso, a falta de qualificação ao lidar com pessoas negras não se restringe apenas a serviços particulares. Os autores abordam o fato de que a Reforma Psiquiátrica ocorreu devido a necessidade de extinguir manicômios e todo o sofrimento que ele originava. Todavia, os problemas raciais não foram incluídos na reformulação, resultando no despreparo dos serviços públicos de saúde mental em acolher o sofrimento psíquico causado pelo racismo.

Dessa forma, depreende-se que há duas vertentes na capacitação de profissionais psicólogos: uma é a falta de debate e discussão durante seu trajeto acadêmico e o outro é a acomodação desses profissionais, a ponto de não buscarem conhecimento acerca do tema.

Logo, “descolonizar não é apenas incluir na bibliografia as epistemologias até então silenciadas, mas colocar em questão o próprio lugar do psicólogo, situar suas marcas, seu lugar de fala, porque é desse lugar que ele exerce a escuta” (Veiga, 2019, p. 246). Isso posto, os resultados apresentados podem contribuir para a reflexão da Psicologia enquanto ciência e profissão na contribuição com os debates étnico raciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões propostas refletem sobre o racismo como fator social que influencia diretamente na saúde mental de pessoas negras e a discussão sobre essa questão é relativamente parco, com poucos materiais que abordem o racismo e a saúde mental de modo a pensar estratégias de formação e enfrentamento. Além disso, o espaço acadêmico mostra-se escasso de reflexões, fazendo a formação acadêmica ser insuficiente para aprender e se especializar em demandas negras, conseqüentemente os profissionais mostram-se distantes e despreparados para o debate e para trabalhar com e demandas.

Apesar de constar no Código de Ética do psicólogo (CRP, 2005) e em resoluções do Conselho Federal de Psicologia que psicólogos devem atuar de forma a combater todo tipo de violência e opressão, é idealista a perspectiva de que a Psicologia esteja presente em todos os ambientes e contextos sociais. Entende-se que a herança elitista da psicologia ainda se faz vigente e isto pode ser notado, na dificuldade de se apontar temas transversais, como raça e gênero, sem receber críticas, em nome de um fantasioso princípio de universalidade.

Com isso, a necessidade de evolução do debate sobre efeitos os do racismo na saúde mental mostra-se urgente, logo, espera-se que este artigo possa contribuir na reflexão sobre o papel da psicologia, para instigar ainda mais que essas (es) tenham conhecimentos consistentes para suprir as especificidades e necessidades do atendimento a pessoas negras, em todos os ambientes de atuação, o vendo como indivíduo mas considerando válido seus discursos sobre os impactos psicológicos ocasionados pelo racismo que sofrem. Que trabalhem conforme os princípios do Código de Ética (CFP, 2005) e contribuam para que a saúde mental de pessoas negras deixe de ser ignorada e a atuação do profissional psicólogo seja, de fato, acessível e efetiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora. Jandaíra (Coleção Feminismos Plurais), 2019.

AMORIM, Cláudia Lanyelle Revorêdo de; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; DANFÁ, Lassana. Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 33, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dRypKk7v87mgYDxSWHqYt5f/?lang=pt> . Acesso em: 5 jul. 2023.

ARRUDA, Daniel Péricles; IMBRIZI, Jaquelina Maria; MARTINS, Eduardo de Carvalho; REGHIN Marcela Garrido; PINTO, Danielle Kepe de Souza. Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista. **Fractal: Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 31, p. 166-172, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/qRgyXHZKzjt4QWDVqtGbdBB/?lang=pt> . Acesso em: 11 ago. 2023.

BARROS, João Paulo Pereira; BENICIO, Luís Fernando de Souza; COSTA, Aldemar Ferreira da; SILVA, Dagualberto Barboza da. Dispositivo de Segurança e Racionalidade Necrobiopolítica: narrativas de jovens negros de Fortaleza. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Ceará, v. 40, p. 1-15, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/y7KFYzYYf8yK4Kdb5Gsfk6m/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENEDITO, Maiara de Souza; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Psicologia e Racismo: as heranças da clínica psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 40, p. 1-16, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6qtXvXGFnYmBfNwzhGSwjRM/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRAGA, Ana Paula Musatti; ROSA, Miriam Debieux. Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar. **Psicologia em Estudo**, São Paulo, v. 23, p. 1-16, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/ZhGG5PXhym9ZBwms7CyGYcw/?lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:

https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 5 mar. 2023.

CARDOSO, Áurea Alves; COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Banzeirar: fazendo ribeirinho certas práticas ditas de cuidado. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 185-194, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/6633ggVvdF4fB6kpfXZKTmm/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CHERSONI, Felipe de Araujo; CHAGAS, Maria Eduarda Delfino das; MUNIZ, Veyzon Campos. Racismo entre psicologia social e criminologia crítica: encontros e perspectivas decoloniais. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 272-282, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rk/a/qkbfmWkwzgzKc9FyvGQwmhBy/?lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em:

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos.

Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo**, Brasília, v. 24, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WLqvt9yG7rmBzz4kvp8TVSL/?lang=pt> . Acesso em: 13 ago. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2004. 160 p. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

HOUAISS, Instituto Antônio (comp.). **Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGNÁCIO, Marcos Vinicius Marques; MATTOS, Ruben Araújo de. O Grupo de Trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 8, p. 66-78, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bZk5zrYsFQK9DC3kngVdRms/?lang=pt> . Acesso em: 9 ago. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Ipea, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 18 mai. 2023.

JESUS, Kaike Costa Oliveira de; SANTANA, Hellen Maciel; CASTELAR, Marilda. Psicologia e racismo institucional na saúde pública de Salvador- Bahia. **Fractal: Revista de Psicologia**, Salvador, v. 32, n. 2, p. 142-153, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/R59XJGgTwHfpgq5N6thMXqR/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

JESUS, Victor de. O cheiro do racismo na cultura político-afetiva higienista brasileira: o saneamento do corpo-dejeto. **Psicologia & Sociedade**, Espírito Santo, v. 34, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/xDknztyNdbWBSkJkhTjZmYw/#>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-29.

MORRISON, James. **Entrevista inicial em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (org.). **Relatório mundial sobre a**

prevenção da violência 2014. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (org). **World mental health report: transforming mental health for all.** Geneva: S.I, 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PRATES, Maíne Alves; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; REIS, Carolina dos. O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social? **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 33, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/jJddnhJYpQn9mzvTFyCjn3x/?lang=pt>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SANTANA, Leone Henrique Rodrigues. Discursos na construção de inimigos: a guerra às drogas como objeto de intervencionismo e repressão de grupos sociais. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 25, p. 264-277, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17487>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, Lucas Gabriel de Matos; PEDRO, Rosa. Máscara e homem negro: entre o contágio e o racismo em um regime necropolítico. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/3m6kvDQRj8wBQrRn66N6cBJ/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer; NUNES, Sylvia da Silveira; COSTA, Eliane Silvia. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. **Psicologia Usp**, v. 28, n. 1, p. 144-158, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/3jFkh5GdtSrJVrRjMzFpDBz/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, Fábio Henrique Alves da; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Minas Gerais, v. 40, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DSdQCbppgCb9BQcG75htG4p/?lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, Maria da Conceição Gomes da; LIMA, Stephanie Caroline Ferreira de; LIMA, Aluísio Ferreira de; BARROS, João Paulo Pereira. Necropolítica e vidas não passíveis de luto: a (re)produção midiática do inimigo. **Psicologia em Estudo**, Fortaleza, v. 27, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WzWMwnw7mzLNL3VtxZWMBMn/?lang=pt#>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 244-248, 2019. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.